



<https://doi.org/10.47456/simbitica.v12i1.48673>

## Um parque urbano na formação de professores

*An urban park in teacher training*

*Un parque urbano en la formación docente*

**Larissa Franco de Mello Aquino Pinheiro**

Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo** Este artigo apresenta uma experiência de formação de professores realizada no âmbito de um Programa de Pós-Graduação, no Instituto Federal do Espírito Santo (Campus Vitória), com professores da educação básica da rede pública na área de Ciências Humanas, com destaque para a área de Sociologia. Por meio de um material educativo, este trabalho tem como objetivo analisar o potencial educativo e crítico dos espaços da cidade, em especial do Parque Moscoso, parque urbano situado no centro histórico da cidade de Vitória/ES, e suas interfaces com educação, memória e cidade. Em linhas gerais, concluímos que o Parque Moscoso é um espaço educativo que, por meio de sua memória e dependendo das mediações promovidas, pode revelar contradições sociais que vêm se constituindo juntamente com a história da cidade.

**Palavras-chave:** Ensino; Humanidades; Cidade; Formação de professores.



**Abstract** This article presents teacher training carried out within the scope of a Postgraduate Program, at the Federal Institute of Espírito Santo (*Campus Vitória*), with public basic education teachers in the area of Human Sciences, with emphasis on the area of Sociology. Through educational material, the objective is to analyze the educational and critical potential of the city's spaces, especially Parque Moscoso, an urban park located in the historic center of the city of Vitória/ES, and its interfaces with education, memory and the city. In general terms, we conclude that Parque Moscoso is an educational space that, through its memory and, depending on the mediations promoted, can reveal social contradictions that have been constituted together with the city's history.

**Keywords:** Teaching; Humanities; City; Teacher training.

**Resumen** Este artículo presenta la formación docente realizada en el ámbito de un Programa de Postgrado, en el Instituto Federal de Espírito Santo (*Campus Vitória*), con profesores de educación básica pública en el área de Ciencias Humanas, con énfasis en el área de Sociología. A través de material educativo, el objetivo es analizar el potencial educativo y crítico de los espacios de la ciudad, especialmente el Parque Moscoso, parque urbano ubicado en el centro histórico de la ciudad de Vitória/ES, y sus interfaces con la educación, la memoria y la ciudad. En términos generales, concluimos que el Parque Moscoso es un espacio educativo que, a través de su memoria y, dependiendo de las mediaciones promovidas, puede revelar contradicciones sociales que se han constituido a lo largo de la historia de la ciudad.

**Palabras clave:** Enseño; Humanidades; Ciudad; Formación de profesores.

*Recebido em 30-11-2023*

*Modificado em 29-03-2024*

*Aceito para publicação em 10-07-2024*

## Introdução

O curso de formação “Educação na Cidade: estudos sobre o processo de modernização de Vitória”, oferecido pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Campus Vitória), está ligado à linha de pesquisa “Formação de Professores”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH), e integra as ações do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação na Cidade de Humanidades (GEPECH). Faz parte da pesquisa de três mestrands, os quais, por afinidade temática, propuseram-se a realizar um único curso de formação de professores com diferentes abordagens sobre o tema principal “Educação na Cidade”<sup>1</sup>.

Como público-alvo, selecionamos professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da área de Ciências Humanas, licenciados em Arte, Filosofia, Geografia, História e Sociologia, em exercício em sala de aula na rede pública de ensino. O curso foi planejado na modalidade semipresencial com atividades distribuídas em encontros de estudos, atividades disponibilizadas no Moodle (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*)<sup>2</sup>, visitas mediadas aos espaços da cidade de Vitória e, ao final, como atividade avaliativa, a realização de uma apresentação de relatos de experiências nas escolas.

O curso de formação teve como objetivo analisar, em parceria com professores da educação básica, o potencial educativo e crítico dos espaços da cidade, por meio da divulgação de materiais educativos, discussões teóricas e visitas aos espaços de Vitória. A proposta de desenvolvimento do curso de formação teve o intuito de investigar, identificar e analisar o conhecimento já adquirido pelos professores da educação básica acerca do tema “Educação na Cidade” e desenvolvê-lo a partir de outras perspectivas abordadas durante o curso.

Além desta introdução, este artigo é composto por mais sete seções. Na primeira seção, nos dedicamos a justificar a escolha do Parque Moscoso como objeto de estudo. Em seguida, apresentamos a proposta do curso de formação de professores, a metodologia usada para sua elaboração e os resultados de uma oficina ocorrida no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Na terceira seção, ressaltamos os principais conceitos que permearam a elaboração do material educativo, em destaque a perspectiva dialógica e polifônica, a partir de Bakhtin (2000), e a utilização das fotografias como fontes históricas e mediadoras no processo de ensino-aprendizagem. Os resultados apontam que os professores adquiriram novos conhecimentos sobre a cidade, chamando a atenção para aspectos pouco chamativos ou apagados da história, e, por meio de exame mais crítico, revelaram as contradições que estão imersas nessas estruturas.

---

<sup>1</sup> Esse curso de formação de professores está relacionado com mais duas investigações: a de Patrícia Guimarães Pinto, com a pesquisa intitulada “Educação na Cidade: o processo de modernização da cidade de Vitória em debate na formação de professores”, sob a orientação da Professora Doutora Priscila de Souza Chisté Leite; e a de Israel David de Oliveira Frois, com a pesquisa intitulada “O entorno da Vale SA na perspectiva da Educação na Cidade: da miopia verde à catarse do pó preto”, sob a orientação da Professora Doutora Sandra Soares Della Fonte.

<sup>2</sup> Em português, significa “Ambiente de Aprendizado Modular Orientado ao Objeto”.

## Por que estudar o Parque Moscoso?

Ainda na graduação em Ciências Sociais, submetemos um projeto de pesquisa sobre o Parque Moscoso ao Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 2014-2015. Essa pesquisa, intitulada “Paisagem Urbana: a Memória do Parque Moscoso”, sob a orientação da professora Doutora Aline Trigueiro, do Departamento de Ciências Sociais, teve como objetivo analisar, a partir de fotografias antigas do Parque Moscoso, as relações entre natureza e sociedade, tendo como recorte histórico a primeira metade do século XX.

A ideia para esse estudo se iniciou com uma fotografia de família antiga do dia da inauguração do Parque Moscoso, considerado o parque urbano mais antigo da cidade de Vitória, onde estavam presentes o meu tataravô, professor e jornalista Manoel Antônio Franco, entre familiares e amigos, no dia 19 de maio de 1912 (Figura 1). De origem fluminense, ele trabalhou no Espírito Santo como inspetor geral dos estabelecimentos de ensino, no governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912).

**Figura 1.** Inauguração do Parque Moscoso, 1912



Fonte: própria pesquisadora.

Ao iniciar a pesquisa sobre o Parque Moscoso, percebemos o potencial de desenvolver um trabalho educativo em relação ao parque e à cidade de Vitória. Além disso, encontramos nos acervos um material rico, aparentemente pouco explorado, principalmente muitas fotografias antigas e relatos em jornais e revistas de época que retratavam cenas cotidianas do parque. A partir disso, começamos a nos perguntar se seria possível trabalhar com questões da nossa realidade de forma crítica e contextualizada, trazendo o Parque Moscoso como elemento principal da pesquisa, refletindo a partir dele sobre vários aspectos ligados à formação da cidade. Também percebemos a chance de se trabalhar com questões da nossa localidade, muitas vezes deficientemente exploradas nas salas de aula.

A partir dessa constatação, ingressamos no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades, um mestrado profissional, na linha de formação de professores, com um projeto cujo objetivo principal era compreender de forma crítica as relações entre memória e cidade para propor material educativo, voltado para o estudo do Parque Moscoso, a ser compartilhado e validado por meio de formação de professores.

## A proposta do curso

O curso teve carga horária total de 60h, distribuídas em atividades presenciais, que ocorreram por meio de encontros no Ifes (Campus Vitória). Contou, também, com atividades não-presenciais, que foram desenvolvidas em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), onde foram disponibilizados artigos científicos, vídeos, indicações de leitura, materiais educativos, artigos de jornais, entre outros. Ao final do curso de extensão, solicitamos que os participantes realizassem a postagem dos trabalhos finais diretamente no AVA. Apresentamos com mais detalhes a distribuição da carga horária prevista para o curso na Quadro 1.

**Quadro 1.** Carga horária do curso de extensão

Atividade	Quantidade	Carga horária
<b>Encontros</b>	8	32h
<b>Visitas mediadas</b>	2	8h
<b>Atividades <i>on-line</i></b>	1	20h
<b>Carga horária total</b>		<b>60h</b>

Fonte: Gepech.

Os encontros presenciais foram ministrados no turno noturno, com 4 horas de duração, entre as 18h e as 22h, nas terças-feiras, em escala quinzenal, e com visitas mediadas pela manhã ocorridas em dois sábados. Em cada encontro foram abordados temas específicos sobre o processo de modernização da cidade de Vitória, sem contar as visitas mediadas que aconteceram no decorrer do curso. Para a conclusão e certificação do curso, foi necessário o cumprimento de, no mínimo, 75% de frequência/participação da carga horária total (tanto da presencial como da não presencial), conforme os critérios de avaliação da aprendizagem descritos no quadro a seguir:

**Quadro 2.** Critérios de avaliação de aprendizagem

<b>Critério</b>	<b>Descrição</b>
<b>Participação nos encontros</b>	Os professores foram avaliados por meio de discussões e participação acerca do tema em debates acerca do assunto proposto, bem como de sua participação nas atividades propostas.
<b>Visitas mediadas</b>	Ocorreram duas visitas mediadas em dois pontos da cidade (objetos de nossas pesquisas), sendo a primeira um roteiro que foi realizado identificando os principais pontos do processo de modernização do Centro de Cidade (passando pelo Parque Moscoso) e a outra no final da Praia de Camburi, região próxima a Vale.
<b>Atividades <i>on-line</i></b>	Foram disponibilizados materiais (produtos educativos, textos etc.) para que os professores tivessem mais tempo para se apropriarem do conteúdo e desenvolverem seus trabalhos de conclusão de curso, por meio de um monitoramento no AVA no Moodle.
<b>Relato de experiência ou proposta pedagógica</b>	Nos dois últimos encontros, os professores participantes apresentaram relatos de experiência a partir do que foi aprendido no curso ou uma proposta pedagógica a ser desenvolvida em momento posterior ao curso.

Fonte: Gepech.

A seleção dos candidatos foi feita por ordem de inscrição. Foram contempladas as vinte primeiras inscrições recebidas que atenderam aos requisitos necessários. O resultado foi divulgado no site do Gepech e os selecionados, assim como os dez primeiros suplentes, receberam um e-mail de confirmação de inscrição e convocação para o início do curso. Também criamos um e-mail para comunicação com os participantes. O curso de extensão foi divulgado pelas redes sociais e no site do Ifes.

## Percurso metodológico

A escolha metodológica foi pela pesquisa-intervenção com ações colaborativas (Damiani, 2013; Freitas, 2010). Segundo Damiani (2013:01), a pesquisa-intervenção pedagógica é definida como “(...) uma pesquisa que envolve o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações pedagógicas) — destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam — e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências”.

Dentro das discussões sobre a formação de professores, dialogamos também com Ibiapina (2008) quando propõe a necessidade de considerarmos os professores como coprodutores do conhecimento, contribuindo para o aprimoramento do processo educativo, e, por conseguinte, avaliando e validando o material educativo produzido. Concordamos com Ibiapina (2008) quando coloca que a pesquisa colaborativa questiona a realidade educativa em que pesquisadores e educadores trabalham em conjunto na implementação de mudanças e na análise de problemas.

Quanto à análise dos dados gerados durante a formação de professores, nos baseamos em Moura (2000). Abordamos a ideia de Atividade Pedagógica (AP)<sup>3</sup>, entendida por este na perspectiva da educação escolar como uma prática social e coletiva, inserida no processo de desenvolvimento psíquico de cada participante. O fenômeno da AP coloca como categoria central o trabalho, considerado “(...) como dimensão ontológica que constitui o ser; como atividade vital humana e atividade mediadora do processo de humanização” (Araujo & Moraes, 2017:53).

A seguir, apresentaremos um pouco de como foi o nosso curso de formação de professores na seção relacionada aos estudos do Parque Moscoso, que foi objeto específico da nossa investigação.

### **Parque Moscoso: espaço-memória da cidade de Vitória**

Inicialmente, buscamos enfatizar o conceito de memória por meio de um breve resumo da história do Parque Moscoso e ressaltando como essa trajetória de alguma forma está relacionada com a história da própria da cidade e com a vida de seus habitantes. Para tanto, explicamos a escolha do Parque Moscoso como objeto de pesquisa. Para melhor exemplificar isso, apresentei aquela fotografia antiga de família no dia da inauguração do Parque Moscoso, que foi o início dos estudos sobre esse importante espaço da cidade, ainda na Ufes. A fotografia de 1912 é um dos poucos guardados de família que documenta um evento social da cidade de Vitória.

Focamos na importância da fotografia como suporte que permite guardar a memória, haja vista que a pesquisa é baseada em leituras de imagem do Parque Moscoso. Então, a partir de fotografias antigas do parque, temos a possibilidade de rememorar e não esquecer as histórias relacionadas ao parque, considerada em nossa pesquisa um importante espaço de memória coletiva e afetiva. As fotografias não integram tão somente o Parque Moscoso em si, mas também são capazes de contar e recontar a história da própria cidade. As imagens, de um modo geral, têm grande potencial como mediadoras de processos educativos. Elas proporcionam uma leitura crítica e reflexiva da realidade. As fotografias são importantes fontes de conhecimento no ensino, o que permite uma compreensão da totalidade social (Ciavatta, 2007).

Em seguida, apresentamos algumas noções sobre leitura de imagem, explorando os conceitos de polifonia e dialogismo em Bakhtin (2000), de modo a instigar a produção de leituras de imagem na dinâmica realizada posteriormente. O primeiro conceito tratado foi o da polifonia, que, como o próprio nome diz, está ligada à multiplicidade de vozes que se apresentam em uma obra, para além da voz do autor. O conceito de dialogismo, por sua vez, pressupõe um processo de interação entre textos e outras produções, criando uma rede de significações. Nenhuma obra pode ser vista como um sistema fechado, mas em diálogo,

---

<sup>3</sup> “Atividade particular entre o conhecimento universal do gênero humano e o conhecimento singular do sujeito. E o que isso significa? Primeiramente, que estudar a Atividade Pedagógica na dimensão da categoria trabalho implica considerá-la como atividade que produz o humano no homem, como atividade que desenvolve a personalidade humana (...)” (Araujo & Moraes, 2017:53).



dentro de um processo de comunicação amplo. Consideramos que quanto mais intensas e sistematizadas forem as leituras de imagens maior será o nosso repertório cultural para sentirmos e significarmos o mundo, além de fazermos a leitura do que nos rodeia e acontece conosco. Com isso, fechamos nossa explanação e partimos para a parte prática.

A proposta da atividade tinha como objetivo discutir a leitura de imagens a partir da escolha de alguns materiais como fotografias, textos em geral, obras de arte etc., tendo como pano de fundo o Parque Moscoso. Solicitamos que os professores se organizassem em grupos e se dirigissem ao varal formado com trinta imagens/textos ligados aos temas da infância e de festas e realizassem conexões com memórias e histórias vivenciadas no Parque Moscoso (Figura 2)<sup>4</sup>.

**Figura 2.** Varal



Fonte: própria pesquisadora.

Foi solicitado que os participantes trouxessem textos (poemas, crônicas, trechos de livros, letras de canções etc.), obras de arte (pinturas, fotografias, desenhos etc.). Também podiam trazer fotos de família. Alguns trouxeram materiais de casa, conforme solicitado, o que foi muito interessante. Todos os materiais foram incorporados ao varal. Um participante trouxe fotos de sua infância enquanto aluno no Jardim de Infância Ernestina Pessoa, que funcionava dentro do Parque Moscoso. A partir de agora, apresentaremos um dos resultados dos grupos que tiveram aproximadamente 45 minutos para desenvolverem suas atividades.

<sup>4</sup> No verso de cada um(a) dos trinta textos/imagens disponibilizados no varal existia uma informação sobre a bibliografia do(a) autor(a) e informações sobre o material produzido, como forma de auxiliar os grupos na produção das leituras de imagens.



## Brincadeiras ao ar livre

Um dos grupos optou pelo tema “infância”. A leitura de imagem partiu da fotografia em preto e branco de Photo Paes, de 1930, que apresentava um grupo de crianças brincando de roda no gramado do Parque Moscoso (Figura 3).

**Figura 3.** Parque Moscoso. Photo Paes, 1930



Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória.

Relacionaram a imagem com um poema sobre o Parque Moscoso chamado *Doçura de Parque*, escrito por uma professora da rede pública, após uma visita com seus alunos nesse espaço, e iniciaram um diálogo com as brincadeiras infantis. Esse poema foi incorporado ao varal por um dos participantes que atendeu à solicitação para trazer conteúdos relacionados ao tema, tendo como referência o Parque Moscoso.

Doçura de Parque!  
 Brincando de escrever  
 Conto uma visita  
 De uma criançada bonita  
 Que um certo parque foi ver  
 O Parque Moscoso  
 Tem esse poder  
 Cria tanto rostinho ansioso  
 Pode acreditar, é só crer!  
 Por que o sapo é de pedra?  
 Foi quem que fez?  
 Olha, o homem é também de pedra!  
 E o Parque foi ele que fez?  
 O menino encantado  
 Com a fonte ficou  
 Um pouco assustado  
 Porque ali jacaré já morou  
 E no parquinho  
 Criança feliz correu e brincou  
 Sua alegria no balanço igual areia jogou  
 A incrível visita, enfim, acabou!

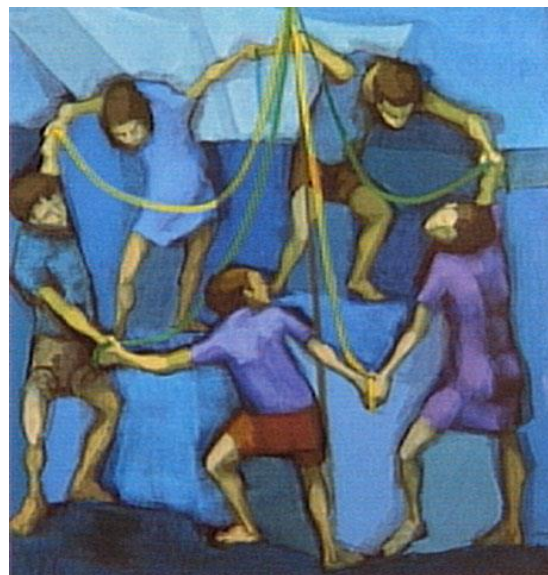
Em seguida, fizeram a ligação com duas obras de arte brasileiras: a pintura em óleo de Milton da Costa, chamada *Roda* (1942), e a pintura acrílica de Glênio Bianchetti, chamada *Ciranda* (1988) (Figuras 4 e 5), que representam a brincadeira de roda infantil, a “cirandinha” — nome mais conhecido entre as crianças. Essa brincadeira tão antiga remete à memória afetiva, sentimento de ser criança representado por meio da fotografia, conforme nos traz Ciavatta (2008).

**Figura 4.** Pintura em óleo de Milton da Costa. *Roda*, 1942



Fonte: Pinterest.

**Figura 5.** Pintura acrílica de Glênio Bianchetti. *Ciranda*, 1988



Fonte: Pinterest.

Em seguida, em conexão com outras formas de brincar, o grupo fez relação com uma fotografia do Parque Moscoso que retratava crianças brincando em uma ponte pênsil, na década de 1970 — brinquedo este que já não existe atualmente no Parque Moscoso (Figura 6). A partir disso, estabeleceram a relação entre a criança, a infância e a brincadeira. O Parque Moscoso é um cenário onde se desenvolvem inúmeras brincadeiras, as culturas infantis, o que foi registrado por meio das fotografias com o passar das décadas. Podemos compreender que o parque também é um espaço das crianças. Essa impressão, no sentido de memória, pode ser comprovada graças aos inúmeros registros fotográficos (Le Goff, 1992).

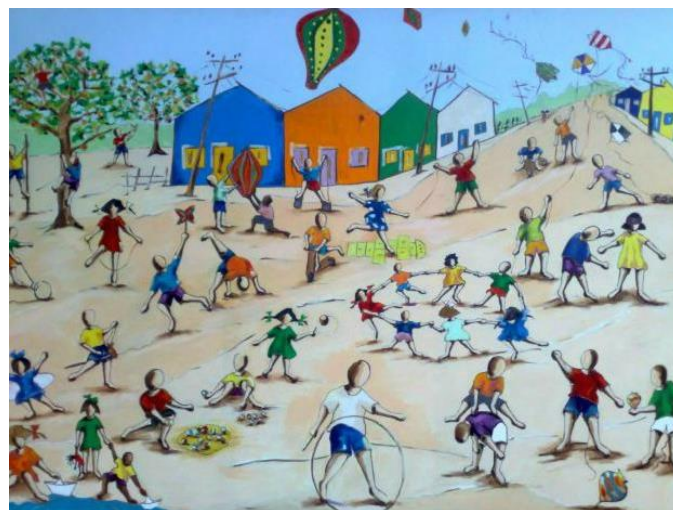
**Figura 6.** Parque Moscoso. Alfredo Mazzei, 1970



Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória.

Também fizeram referência à pintura de Ivan Cruz chamada *Crianças na Praça* (Figura 7), na qual as crianças se divertiam de diferentes formas e com alguns brinquedos como corda, pipa, bambolê, balão etc., de maneira livre e espontânea. Trata-se de remontar às brincadeiras de rua, frequentes ainda em alguns bairros, principalmente das cidades do interior. Brincar no Parque Moscoso significa ocupar os espaços da cidade, muitas vezes, pouco procurados, em comparação aos espaços privados, como os atuais shopping centers, onde existe a privatização do lazer. Nesse sentido, nos remetemos à ideia de Lefebvre (2001) de direito à cidade, que significa vivê-la em sua plenitude, de forma aberta e democrática, possibilitando o acesso de todos, sem distinção.

**Figura 7.** Crianças na Praça, Ivan Cruz



Fonte: Pinterest.

Na continuação, o grupo refletiu sobre a relação da criança com a cidade e chegou à conclusão de que, atualmente, de um modo geral, as crianças não participam da vida nela, principalmente, como um estrangeiro em num lugar que nunca viu. Outra constatação que o grupo fez foi em relação às crianças que, na maior parte das vezes, passam de carro pelas



ruas, de forma segura, sem a percepção dos sentidos da cidade, tendo inclusive dificuldades de se reconhecerem pertencentes a esse espaço.

**Figura 8.** Resultado da leitura de imagem



Fonte: Gepech.

Concluem apontando para a fotografia principal (Figura 3), ao centro, onde se percebe no Parque Moscoso um espaço acolhedor onde a criança teria vez e voz, segundo o grupo. É um lugar que recebe a criança, que pode viver a sua infância com o seu encanto, a sua pureza e as suas brincadeiras. Além de tudo, existe uma função educativa que se faz presente por meio do conjunto de memórias ligadas à constituição da cidade, como nos ensina Freire (1993).

Com o pouco tempo que tivemos para a realização da oficina, consideramos que os grupos conseguiram compreender e desenvolver o exercício de leitura de imagem. Complementamos nossas aulas com materiais disponíveis no Moodle. Além disso, desenvolvemos fóruns e disponibilizamos nossos produtos educativos *on-line*. Desse modo, a formação se caracterizou como uma pesquisa-intervenção com ações colaborativas. Para isso, construímos uma dinâmica que levasse à discussão e à reflexão de questões relativas à nossa temática de investigação. Trabalhar com memória no Parque Moscoso é evitar que se percam algumas de muitas histórias possíveis da cidade. Os depoimentos trazidos pelos professores durante esse exercício de leitura de imagem é, sem dúvida, parte dessa memória da vivência em Vitória.

## Metodologia para o desenvolvimento do produto educativo

Lefebvre (2016) coloca que ideias, conceitos e teorias contêm contradições que de primeira não são reconhecidas porque são recobertas por uma certa lógica, mas que pronto se manifestam e conduzem à teoria, seja ao seu fim, seja à sua renovação. A partir dessa premissa, pretendemos iniciar o material educativo, realizando um diálogo a respeito do

objeto de pesquisa, levantando as memórias relacionadas com esse espaço e como ele está inserido na cidade de Vitória. Assim, busca-se responder: quais são os interesses em conflitos que se condensam na história do Parque Moscoso? Que tipo de experiência subjetiva memorialística diante dessa história possuem alguns sujeitos que frequentaram esse lugar?

Uma possibilidade de responder a essas perguntas seria apontar as potencialidades do Parque Moscoso como um espaço educativo dentro da cidade, muitas vezes não compreendido dessa forma. Levantamos questões que precisam de respostas e, ao mesmo tempo, buscamos o conhecimento necessário para respondê-las, para além de uma compreensão caótica e superficial da realidade (Marsiglia & Oliveira, 2016).

Ao se falar sobre o Parque Moscoso nos vários materiais produzidos sobre ele, se constata que a história é contada e recontada de uma forma única sem problematizar os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos que envolvem o objeto de estudo. Assim, cabe possibilitar, por meio desse produto educativo, que os professores reflitam e identifiquem as contradições que surgem desse projeto urbano conduzido pelas elites locais. Dessa maneira, o nosso produto educativo tem como objetivo facilitar a aprendizagem e propor uma reflexão e criticidade relacionada a um espaço importante de nossa cidade.

Rodriguez (2014:135) coloca que o educador não deve ser ingênuo, devendo identificar como a verdade hegemônica e totalitária imposta pela classe dominante, por meio do discurso e da linguagem, se reproduz nos espaços institucionais formais, como a escola. Nossa proposta de produto educativo está na contramão do fenômeno da mercantilização da educação.

Segundo Cária e Andrade (2011), existe uma rede de interesses no mercado de material didático na Educação Básica que cresce cada vez mais, chamando a atenção de grandes grupos internacionais. Essa crítica inclui o sistema de ensino apostilado, considerado como sinônimo de massificação e mercantilização do conhecimento, segundo Motta (2001). Para Kaplún (2003:46), o livro didático consiste em “(...) um objeto que facilita a experiência de aprendizado; ou, se preferirmos, uma experiência mediada para o aprendizado”. É o que pretendemos com o nosso material educativo.

Trabalhamos dentro da abordagem elaborada por Kaplún (2003) de elaborarmos um produto educativo dentro dos eixos conceitual, pedagógico e comunicacional. No eixo conceitual, escolhemos as ideias centrais que serão abordadas pelo material, bem como o(s) tema(s) principal(is) por meio dos quais se procurará gerar uma experiência de aprendizagem. O eixo pedagógico é o principal articulador do um material educativo porque expressa o caminho que estamos convidando alguém a percorrer, quais pessoas estamos convidando e onde estão essas pessoas antes de partir. Por fim, o eixo comunicacional diz respeito ao formato e à linguagem empregada no material educativo. Ele não é meramente instrumental, não é puro executor do eixo conceitual. Ele propõe, por meio de algum tipo de figura retórica ou poética, um modo concreto de relação com os destinatários.

A problematização é importante no sentido de suscitar questões advindas da prática social em relação ao Parque Moscoso. Como era a região onde foi construído o parque? O que existia antes dele? Por que ele foi construído? Em que momento histórico, político, econômico e cultural ele foi planejado? Quem o frequentava no seu início? Como era o bairro que se formou ao seu redor? Quem utilizava o parque? De que modo? Como está hoje? São perguntas que estão permeando nosso material educativo.

Após termos levantado as condições materiais da sociedade de Vitória do início do século XX, atravessada por questões políticas, econômicas, sociais e culturais daquela época, utilizamos instrumentos teóricos e práticos que auxiliarão na compreensão e na solução das questões provenientes da prática social. Por meio da memória, através de imagens da época, acionamos um conteúdo que vai trazer à tona uma compreensão em relação à totalidade dos fenômenos em torno da criação do Parque Moscoso e suas histórias — o que se vê, ou melhor, o que não se vê nessas imagens? Os momentos pedagógicos de Saviani (1984) nos oferecem subsídios para compreender melhor as contradições sociais advindas da modernização de Vitória e da existência do Parque Moscoso dentro desse processo urbano.

Além disso, apresentamos fotos antigas de Vitória, como recurso pedagógico, em sua maioria do Parque Moscoso, encontradas em acervos públicos de Vitória. As imagens têm grande potencial como mediadoras de processos educativos, ressignificando entendimentos sobre os espaços dentro da cidade de Vitória, como no caso do Parque Moscoso. Para o uso das fotografias, tomamos como referência o trabalho desenvolvido por Ciavatta (2001, 2007, 2008, 2009), que desenvolve um método de crítica à economia política a partir da historicidade dos acontecimentos, dos sujeitos, das estruturas sociais da origem e das disputas na formação dos trabalhadores. A pesquisadora utiliza a fotografia como fonte histórica e trabalha com a memória e cidade, o que se torna apropriado para a nossa investigação. Para ela, as fotografias permitem ao leitor uma compreensão da totalidade social que não diz respeito a um modelo explicativo tão somente, mas a um conjunto dinâmico de relações ligadas à ação dos sujeitos sociais<sup>5</sup>.

O material educativo em formato de livreto foi disponibilizado em formato digital e impresso durante a formação de professores, ainda como versão protótipo. A versão protótipo permitiu realizar modificações a partir das considerações dos professores durante a formação. Então, o material educativo foi produzido processualmente e foi, posteriormente, analisado pelos professores ao final do curso de formação, com critérios de validação específicos. Trabalhamos nesse produto educativo com leituras de imagem que evidenciam tanto os aspectos poéticos e intertextuais quanto os formais presentes nessas imagens, ampliados pelo conhecimento da época em que se produziram essas

---

<sup>5</sup> Segundo Ciavatta (2001:132), “(...) no sentido marxiano, a totalidade é um conjunto de fatos articulados ou o contexto de um objeto com suas múltiplas relações ou, ainda, um todo estruturado que se desenvolve e se cria como produção social do homem. A dialética da totalidade (Kosik:1976) é uma teoria da realidade onde seres humanos e objetos existem em situação de relação, e nunca isolados, como alguns processos analíticos podem fazer crer. Neste sentido, a dialética da totalidade é um princípio epistemológico e um método de produção do conhecimento. Estudar um objeto é concebê-lo na totalidade de relações que o determinam, sejam elas de nível econômico, social, cultural etc.”.



imagens e dos modos de legitimação e divulgação das mesmas e, por fim, propor assuntos relacionados com os interesses dos professores (Chisté, 2015).

Apresentamos, na próxima seção, as bases teóricas que utilizamos para a realização das leituras de imagem, tendo como base a perspectiva dialógica e polifônica de Mikhail Bakhtin. Aproveitamos, também, para debater um pouco a importância da fotografia (muito utilizada nas nossas leituras de imagem) como mediadora nos processos de ensino-aprendizagem e a importância da leitura de imagem na compreensão da nossa realidade.

## **Leitura de imagem na composição do material educativo**

Nesta seção, trabalhamos com a leitura de imagem por meio de uma perspectiva dialógica e polifônica, a partir de Bakhtin (2000). Ao nos aproximarmos do conceito de dialogismo, pudemos interligar a temática do Parque Moscoso apresentada por meio das fotografias com textos, trechos de entrevistas<sup>6</sup>, reportagens de revistas e jornais, obras de arte, músicas ou poesias com a possibilidade de criar, por meio da leitura, uma rede de significações. Para Chisté (2015:295):

Essa proposição reforça o fato de que todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é a absorção e transformação de um outro texto e, nessa ciranda de significações, o sujeito amplia o seu repertório cultural e sensível e se aproxima cada vez mais do universo do artista.

Chisté (2015:295-296) ainda coloca que essa relação dialógica entre vozes no interior de uma obra de arte está ligada com o conceito de polifonia:

Com base nessa ideia, é possível pensar que o artista, assim como os leitores, está impregnado por diferentes textos visuais e/ou verbais vistos e lidos que vão compor os seus repertórios criativos. Desse modo, compreendemos que, para que a leitura de uma obra seja realizada de modo aprofundado, é preciso (...) observar os indícios da presença de outras vozes e outros textos (os intertextos) na imagem analisada e, a partir dessas tramas, atribuir sentido a essas conexões. Como se, ao ler, pudéssemos traçar um possível caminho polifônico subjetivo e relativo a cada leitura de imagem realizada e também a cada leitor.

A fotografia se apresenta como um ponto principal das leituras de imagem<sup>7</sup>. Segundo Ciavatta (2007:114) “(...) a fotografia é parte importante da ampliação da capacidade humana de se representar, construindo a história e conferindo significado a essas representações”. Mediante essa ideia, para a autora, a fotografia é considerada uma parte da história que se constitui como princípio de memória que tem ligação com sentimentos, aspirações, interesses, projetos e não são simples fragmento da realidade.

<sup>6</sup> Conforme apresentado na metodologia, entrevistamos dez pessoas que possuem alguma conexão com o Parque Moscoso. Trechos dessas entrevistas foram utilizados nas leituras de imagem que se seguirão, como forma de trazer e preencher com mais vida os repertórios que foram se formando em torno dos temas ligados às memórias do parque.

<sup>7</sup> Foi organizada uma série fotográfica que reúne aproximadamente 120 fotografias do Parque Moscoso, do início do século XX até os dias atuais.

Segundo Cardoso e Mauad (1997:582), “(...) a fotografia atua como importante meio através do qual se podem reestruturar os quadros de representação social e os códigos de comportamento dos diferentes grupos socioculturais, em contextos e temporalidades diversos”. É a partir desse entendimento que trabalhamos com fotografias de época, buscando revelar novas facetas do Parque Moscoso. Mauad (2008:26) explica que:

As fotografias guardam, na superfície sensível, a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu. Um dia já foram memória presente, próxima àqueles que as possuíam, as guardavam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos. No processo de constante vir a ser recuperam o seu caráter de presença num novo lugar, num outro contexto e com uma função diferente.

Carnicel (2010:07), ao falar do caráter polissêmico da imagem fotográfica, amplia a definição de fotografia: “(...) fruto de um olhar ingênuo ou crítico, asséptico ou contaminado, a fotografia em seus vários significados pode ser arte, documento, denúncia, relato, verdade, encenação, prova, história, memória”. No Brasil, se verificou um aumento de pós-graduações, além de livros e periódicos, presentes em muitas áreas interdisciplinares, que reúnem antropologia, artes, história, comunicação, arquitetura e, até mesmo, psicologia. Esse dado revela os vários campos do conhecimento que deram vez à fotografia como objeto de conhecimento pela sua ampla possibilidade polissêmica (Tacca, 2010).

A importância de se trabalhar com a leitura de imagens no material educativo vem no sentido de desvelar as contradições sociais, ou seja, desnaturalizar certas questões que são colocadas no dia a dia, tomadas como naturais, mas que, na verdade, não o são, percebendo que elas são resultado de decisões, interesses (particulares e coletivos) e ideologias. Da mesma forma, vem o estranhamento ao buscar entender as relações sociais corriqueiras para além da sua aparente normalidade, assumindo uma postura investigativa mediante um mundo aparentemente conhecido e ordinário. Segundo Silva (2010:177):

Vivemos em uma sociedade visual com intensas transformações tecnológicas onde uma avalanche de imagens tem atravessado o espaço social e o mundo do espetáculo exerce uma influência considerável nas relações sociais. Por todos os lugares em que andamos, encontramos imagens que formam sentidos e criam significados. Tal situação pode interferir na naturalização das imagens por parte de professores e alunos. Mas o trabalho com imagens em sala de aula pode ainda se constituir em uma experiência riquíssima de aprendizado, servindo para o questionamento das verdades imagéticas e, portanto, para a sua desnaturalização. As ideias são frutos de uma determinada realidade e nelas estão inseridos elementos que podem formar conceitos ou questioná-los, contribuindo ainda para compreender o contexto no qual foram produzidas.

Para Ciavatta (2009:119), entender a fotografia como mediação<sup>8</sup>:

(...) significa situá-la em sua gênese, conhecer as relações subjacentes ao objeto fotográfico, as razões de ser de determinada imagem, sua trajetória, seus usos e sua apropriação. Significa reconhecê-la como processo social complexo e desvelar sua realidade além da aparência sensível.

Pretendemos apresentar uma “(...) visão historicizada de objetos singulares ou de acontecimentos cujo conhecimento deve ser articulado com o conjunto de relações sociais (estéticas, culturais, econômicas, políticas, dentre outras) que o constituem no tempo e no espaço” (Ciavatta, 2007:34). Ademais, “(...) nas fotografias remanescentes e na memória dos moradores, as temporalidades da própria vida, dos pais e dos avós parecem amalgamadas de apego ao lugar, pelos fatos e sentimentos mais marcantes” (Ciavatta, 2007:30).

Segundo Ciavatta (2009), ao voltarmos no tempo, por meio das imagens, acabamos por apresentar um certo ponto de vista, algum historicismo que não se mostra apenas como uma argumentação, uma persuasão, um discurso, uma visão de mundo, uma certa concepção de história e de realidade. A escola reproduz certos modelos que reforçam a concepção da sociedade burguesa sem, muitas vezes, tendo noção do alcance do capitalismo em seus aspectos econômicos e culturais, o que acaba influenciando as práticas educativa<sup>9</sup>. De acordo com Mauad (2008), a própria fotografia, desde o seu início, foi apropriada pela burguesia, concentrando todo o processo de produção, circulação e consumo de imagens fotográficas até por volta da década de 1950<sup>10</sup>. Segundo Silva (2010:173):

(...) toda e qualquer fonte está sempre imersa em condições sociais de produção e são discursos representacionais do real. As fontes expressam valores políticos, sociais, culturais e religiosos, que devem ser lidos de forma crítica e não como verdades naturais e inquestionáveis.

Mauad (2008) compreende que a imagem visual tem uma capacidade narrativa que diz respeito a uma temporalidade. E a partir disso, estabelece ligações com outras referências culturais de caráter verbal e não verbal. Isso tem a ver com o dialogismo, que, segundo Bakhtin (2000), pressupõe a ideia de que todo enunciado está em diálogo com enunciados anteriores e posteriores. Dessa maneira, nenhuma obra pode ser vista como um sistema fechado, mas em diálogo, dentro de um processo de comunicação amplo.

<sup>8</sup> Para Ciavatta (2001:142), mediação “(...) é a especificidade histórica do fenômeno. A mediação situa-se no campo dos objetos problematizados nas suas múltiplas relações no tempo e no espaço, sob a ação de sujeitos sociais”. O conceito de mediação se aplica não somente aos processos materiais, mas também aos fenômenos culturais e políticos dentro de um processo articulado de um conjunto de relações que se estabelecem nos diversos níveis da vida humana.

<sup>9</sup> Segundo Althusser (1970), as instituições que fazem parte do aparato estatal, como as escolas, seriam responsáveis pela reprodução da ideologia dominante na sociedade capitalista, funcionando como aparelho ideológico do Estado, perpetuando a qualificação da força de trabalho ao inculcar nos indivíduos formas de justificação, legitimação e ocultação das diferenças e do conflito de classes.

<sup>10</sup> Cardoso e Mauad (1997:576) explicam que “(...) a produção da mensagem fotográfica está atrelada ao controle dos meios técnicos de produção cultural que, até por volta da década de 1950, ainda era privilégio quase exclusivo de setores da classe dominante”.

Ademais, como afirmamos anteriormente, não buscamos, neste trabalho, apresentar o Parque Moscoso a partir de uma seriação, sucessão ou cadeia de fatos de antes e depois, mas os principais assuntos que circulam em volta da sua existência através das fotografias por meio de temáticas, como apresentamos mais à frente. Numa tentativa de ultrapassar a dimensão da “história oficial”, buscamos novas fontes que revelem novas visões a respeito desse espaço na cidade (Ciavatta, 2009).

Para Ciavatta (2008:38), tomar a fotografia como mediação significa “(...) interpretá-la no conjunto das relações presentes no local e no tempo de sua produção”. Nesse sentido, focalizamos, de forma complementar, fotografias da cidade de Vitória e do Parque Moscoso, juntamente com crônicas e poemas sobre o Parque Moscoso, além de cartões postais, entre outras produções, buscando construir um percurso polifônico composto por fontes iconográficas e escritas pertinentes ao tema. Trata-se de uma maneira diferente de se apresentar o Parque Moscoso. As imagens foram escolhidas de modo a representarem aspectos ligados às memórias do Parque Moscoso, tematizados da seguinte forma: memória das paisagens; memória da infância e memória das festas.

## Considerações finais

A nossa intenção foi a de instrumentalizar os professores para que eles entendessem os espaços da cidade da aparência para a essência, com possibilidades de desenvolverem conteúdos que pudessem ser tematizados na forma de ensino. Por meio do material educativo desenvolvido para o curso, os professores tiveram condições de se apropriar dos instrumentos teóricos e práticos de forma a responder aos questionamentos identificados na prática social. Também foi capaz de estudar melhor o conteúdo e desenvolver seu conhecimento, de acordo com a realidade onde trabalha, buscando outros espaços da cidade (inclusive de outras cidades) para a proposição de atividades pedagógicas.

Pudemos notar que a pesquisa possibilitou uma mudança de pensamento por parte do professor, o que pudemos identificar por meio dos episódios de formação (Moura, 2000) narrados em vários momentos do curso de extensão, nos quais pudemos observar, uma (re)descoberta dos espaços da cidade não somente como espaços educativos, mas como espaços importantes da própria constituição da cidade. As mediações realizadas durante o curso de formação possibilitaram o desenvolvimento de elaborações superiores sobre a realidade concreta, com vistas à transformação social, levantando questões como produção social do espaço, desigualdade social, memória, entre outros temas. Abaixo, temos um depoimento deixado por um professor no fórum aberto no AVA:

Gostei muito da perspectiva em que o tema foi abordado (que por sinal conseguiu promover um resgate das memórias da infância de cada um dos professores envolvidos). (...) Pode promover uma maravilhosa troca de conhecimentos, e reflexões sobre a importância de um olhar crítico em relação aos aspectos de nossa cidade, submersos em uma história de opressão e processos de exclusão, que só são revelados mediante a consciência das contradições sociais existentes no espaço em que vivemos (Pinheiro, 2018:275).

Constatamos que possibilitar experiências educativas como nessa formação de professores são importantes para valorizarmos espaços das nossas cidades, ampliando as possibilidades do fazer pedagógico. A cidade de Vitória conta com uma rica história, presente no seu espaço urbano: ruas, avenidas, prédios, praças, parques, edifícios etc., com grande potencial de ser explorado em sala de aula e, principalmente, fora dela, o que tornaria o trabalho educativo ainda mais completo e interessante. Aqui se identifica uma mudança qualitativa no pensamento do professor participante. Por meio dos relatos de experiência narrados durante o curso de formação, observamos que já em sala de aula os professores incorporaram em sua prática o conhecimento relacionado à Educação na Cidade. Dessa forma, reconhecemos a potencialidade de replicabilidade do projeto para outros espaços de memória, a depender da disposição e criatividade do professor, considerando, também, a demanda de seus alunos e da comunidade escolar.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. (1970). *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa, Presença.
- ARAUJO, Elaine S.; MORAES, Silvia P. G. (2017). “Os princípios da pesquisa em educação como atividade”, in M. O. de Moura (org.), *Educação escolar e pesquisa na teoria histórico-social*. São Paulo, Edições Loyola, pp. 47-69.
- BAKHTIN, Mikhail. (2000). *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes.
- CÁRIA, Neide P.; ANDRADE, Nelson L. (2011). “Material didático sob a lógica o mercado: uma questão de política educacional”. *Anais da Anpae*, pp. 1-14. [Consult. 23-01-2016]. Disponível em [www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/.../0419.pdf](http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/.../0419.pdf)
- CHISTÉ, Priscila de S. (2015). “Leitura lenta da obra de arte como proposta para educação estética: contribuições de Marx e Vigotski”. *Revista Reflexão e Ação*, v. 23, n. 1, pp. 276-302 [Consult. 27-11-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.17058/rea.v23i1.5825>
- CIAVATTA, Maria. (2001). “O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações”, in G. Frigotto e M. Ciavatta (orgs.), *Teoria e educação no labirinto do capital*. Petrópolis, Vozes, pp. 306-310.
- CIAVATTA, Maria. (2007). *Memória e temporalidades do trabalho e da educação*. Rio de Janeiro, Lamparina.
- CIAVATTA, Maria. (2008). “Educando o trabalhador da grande ‘família’ da fábrica – a fotografia como fonte histórica”, in M. Ciavatta e N. Alves (orgs.), *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo, Cortez Editora, pp.19-36.
- CIAVATTA, Maria. (2009). *Mediações históricas de trabalho e educação: gênese e disputas na formação dos trabalhadores*, Rio de Janeiro, 1930-60. Lamparina, Rio de Janeiro.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUD, Ana Maria. (1997). “História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema”, in C. F. Cardoso e R. Vainfas (orgs.), *Domínios da História*. Rio de Janeiro, Campus, pp. 568-590.
- CARNICEL, Amarildo. (2010). “Em novo suporte de memória”, *Resgate*, vol. XVIII, n. 19, pp. 07-08. [Consult. 27-11-2023]. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645674>
- DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael F.; RODRIGUES, Marion; PINHEIRO, Dariz Silvia. (2013). Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. *Cadernos de Educação*, n. 45, pp. 57-67. [Consult. 27-11-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i45.3822>



- FREIRE, Paulo. (1993). *Educação permanente e as cidades educativas*. São Paulo, Vila das Letras.
- FREITAS, Maria Teresa de A. (2010). “Discutindo sentidos da palavra intervenção na pesquisa de abordagem histórico-cultural”. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; RAMOS, Bruna Sola. *Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção*. Ed. UFJF.
- KAPLÚN, Gabriel. (2003), “Material Educativo: a experiência de aprendizado”, *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 27, p. 46-60. [Consult. 27-11-2023]. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491>
- LE GOFF, Jacques. (1992). *História e Memória*. Campinas, Unicamp.
- LEFEBVRE, Henri. (2001). *O direito à cidade*. São Paulo, Moraes.
- LEFEBVRE, Henri. (2016). *Espaço e política: o direito à cidade II*. Belo Horizonte, Editora da UFMG.
- MARSIGLIA, Ana C. G.; OLIVEIRA, Celso S. (2016). Aproximações históricas e teóricas com a pedagogia histórico-crítica e sua proposta metodológica, pp. 1-15. [Consult. 03-06-2016]. Disponível em [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/486\\_560.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/486_560.pdf)
- MAUAD, Ana Maria. (2008), “Fotografia e História: possibilidades de análise”, in M. Ciavatta e N. Alves (Orgs), *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo, Cortez, pp. 19-36.
- MOURA, Manoel O. (2000). *O educador matemático na coletividade de formação: uma experiência com a escola pública*. 131f. Tese (Livre Docência em Educação). PPPGE, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PINHEIRO, Larissa. (2018). *O Parque Moscoso como espaço-memória da cidade de vitória: a educação na cidade em debate na formação continuada de professores*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades). PPGEH, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 314 p.
- RODRIGUEZ, Margarita V. (2014). “Pesquisa social: contribuições do método materialista histórico-dialético”, in C. da Cunha, J. V. de Souza e M. A. Silva (orgs), *O método dialético na pesquisa em educação*. São Paulo, Autores Associados.
- SAVIANI, Dermeval. (1984). *Escola e Democracia*. Campinas, Autores Associados.
- SILVA, Edlene O. (2010). “Relações entre imagens e textos no ensino de História”. *s/Æculum - Revista de História*, v. n. 22, pp. 173-188. [Consult. 27-11-2023]. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11497>
- TACCA, Fernando. (2010). “Fotografia e memória”. *Resgate*, vol. XVIII, n. 19, pp. 09-10. [Consult. 27-11-2023]. Disponível em [https://issuu.com/centrodememoriaunicamp/docs/v.18\\_\\_n.\\_1\\_\\_19\\_](https://issuu.com/centrodememoriaunicamp/docs/v.18__n._1__19_)

## Larissa Franco de Mello Aquino Pinheiro



<https://orcid.org/0000-0002-1568-6370>



<http://lattes.cnpq.br/9320994435530659>

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestra em Ciências Sociais (UFES). Mestra em Ensino de Humanidades (IFES). A pesquisa contou com o apoio da Fapes. E-mail: [larissafma@gmail.com](mailto:larissafma@gmail.com)